

# QUEM MATOU O *MARISCAL*?

## CERRO CORÁ, 1º DE MARÇO DE 1870: ENTRE A HISTÓRIA E O MITO<sup>1</sup>

Mário Maestri<sup>2</sup>

**Resumo:** Em 1º de março de 1870, Solano López falecia em Cerro Corá, quando do último combate da guerra contra o Paraguai. Então, suas tropas mal superavam os quatrocentos combatentes, sobretudo velhos, adolescentes e crianças, famintos e pouco armados. Ferido mortalmente por golpes de lança e espada, Solano López internou-se nas matas próximas, morrendo nas margens do arroio Aquidabán-nigüí. A conclusão da guerra, com a morte suspeita do presidente e *mariscal* dos exércitos paraguaios, causou desconforto geral, mesmo no campo aliancista, registrado pelos relatos contraditórios apresentados pelo general Correia da Câmara, presente quando do falecimento do *mariscal*-presidente. Em sentido contrário, ensejou a construção de lendas patrióticas paraguaias sobre aqueles derradeiros sucessos. O artigo abordará os fatos e discutirá o sentido político-ideológico de suas versões.

**Palavras-chave:** Guerra do Paraguai; Combate de Cerro Corá; História; Historiografia; Memória.

## WHO KILLED THE *MARSHAL*?

### CERRO CORÁ, MARCH 1ST, 1870: BETWEEN STORY AND MYTH

**Abstract:** On March 1st, 1870, Solano López passed away in Cerro Cora, during the Paraguayan War's last combat. His troops badly outnumbered four fighters, especially older, adolescents and children, hungry and lightly armed. Mortally wounded by spear and sword blows, Solano López confined himself in the nearby woods, dying on the banks of the Aquidabán Nigui arroyo. The conclusion of the war, with the suspicious death of the President of the Paraguayan armies and "mariscal", caused general discomfort, even in the "aliancista" field, fact recorded in the contradictory reports submitted by General Correia da Camara, present during the death of the "mariscal" president. On the other hand, this led to the construction of Paraguayan patriotic legends about those ultimate successes. The article will discuss the facts and discuss the ideological direction of those successes versions.

**Keywords:** Paraguayan War; Battle of Cerro Cora; History; Historiography; Memory.

---

<sup>1</sup> O presente artigo é parte de investigação mais abrangente sobre a guerra de 1864-70 na bacia do rio da Prata. Agradecemos a leitura da lingüista Florence Carboni, do PPGL da UFRGS.

<sup>2</sup> Mário Maestri, 65, é doutor pela Université Catholique de Louvain, Bélgica, e professor titular do Programa de Pós-Graduação em História da UFP (Mestrado e doutorado). E-mail: maestri@via-rs.net

## 1. CERRO CORÁ: O ÚLTIMO ACAMPAMENTO

Em 8 de fevereiro de 1869, Francisco Solano López, o vice-presidente Domingo F. Sánchez, os generais Bernardino Caballero, Isidoro Resquín, Francisco Roa e José María Delgado e poucas centenas de homens famintos, esfarrapados e armados sobretudo de lanças e espadas, com mulheres e crianças e algumas peças de artilharia, chegavam à margem esquerda do rio Aquidabán, estabelecendo o derradeiro acampamento do exército paraguaio em Cerro Corá, atualmente próximo à fronteira entre o Paraguai e o Brasil. Parte do círculo próximo do *mariscal*-presidente, o padre Fidel Maíz definiu como “circo de gigantescas rocas” o amplo descampado, com aflorações rochosas, tendo ao norte, ao oeste e ao sul, o rio Aquidabán e o arroio Aquidabá-nigüi, seu afluente. [MAÍZ, 1970: 71; AVEIRO, 1998: 99; RESQUÍN: sd, 131; CENTURIÓN, 2010: 430.]

Cercada por matas e cerros, chegava-se a Cerro Corá por dois caminhos. O primeiro, era a *estrada* que cruzava os passos do arroio Tacuara e do rio Aquidabán, ao noroeste e, o segundo, o caminho que, passando por “Bella Vista, Dourados, Capivari e Ponta Porã”, terminava na longa picada de Chiriguelo, ao sudeste. Era posição facilmente defensável, no caso de haver tropas em condições de fazê-lo. No caso contrário, tratava-se de uma verdadeira ratoeira. [CONDE D’EU, 1877: 826-28; FRAGOSO, 1960: 168.]

Ao chegar a Cerro Corá, no centro da explanada, Solano López determinou a localização dos alojamentos do Quartel General, da Maioria, do Batalhão de *Rifleros*, do Esquadrão de Escolta, das tropas e dos carros e carretas. Tratavam-se de cabanas precárias para instituições militares e tropas quase-inexistentes. No exército semi-fantasma do *mariscal*, os batalhões extinguíam-se apenas quando morria o último combatente. Nesse momento, a coluna teria uns quinhentos soldados, em boa parte doentes.

Na falta de ferramentas e homens, Solano López determinou proteção precária do acampamento central. Sobretudo, colocou noventa homens, com dois canhões de pouca potência, no passo do arroio Tacuara e, a uns seis quilômetros do mesmo, outra defesa, mais poderosa, no passo do rio Aquidabán, já próximo de Cerro Corá, com uns cem homens. A defesa da picada de Chiriguelo ficou sob a responsabilidade do general Francisco Roa, alguns soldados e canhões. [RESQUÍN, 2008: 168, 171; CONDE D’EU, 1877: 826 *et seq.*]

Em 12 de fevereiro, diante da penúria geral, o general Bernardino Caballero foi enviado, com quarenta homens, em boa parte oficiais, para recolher animais vacuns e cavalares na colônia de Dourados. Com a mesma missão partiram o sargento-maior Julián Lara e doze homem, para buscar animais nos campos de Aquidabán. Na falta de cavalos, os vaqueiros partiram a pé! [AVEIRO, 1998: 98; RESQUÍN, sd: 131.]

Naquele então, matava-se um vacum magro por dia para alimentar quinhentas pessoas. O próprio couro dos animais servia como alimento. Juan Crisóstomo Centurión, autor de valiosas memórias sobre a guerra, propôs que, cozido por horas, o couro torna-se “espécie de jamón bastante bueno de comer”. Tal era a fome no acampamento que os soldados chamuscavam nas chamas o couro distribuído para comê-lo sem detença. Igual destino era dado aos couros das solas de sapato, cinturões, bornais, etc., tido como verdadeiro pitéu, já que impregnado pelo suor dos corpos e, portanto, com o sal havia muito inexistente! [CENTURIÓN, 2010: 430; RESQUÍN, 2008: 169.]

### **Sem Sepulturas**

Mais comumente, a alimentação era constituída de ossos moídos de animais, cozidos com suco de laranja azeda e outras frutas e ervas silvestres, que se buscavam, todas as manhãs, nas matas próximas ao acampamento. Em Cerro Corá, soldados, mulheres e crianças amanheciam mortos por inanição e doenças, sendo os corpos apenas afastados para as franjas do acampamento, devido ao esforço que exigia o sepultamento. [CENTURIÓN, 2010: 430; BRAY, 1996: 392]

Segundo parece, o *mariscal*, sua família e seus próximos alimentavam-se melhor, mas sem abundância e requintes. “Em uma barraca forrada de damasco verde e atapetada, punha-se a mesa, sentando-se ele com madame Lynch, numa ponta, e na outra o general Resquín, um ou outro chefe e o médico da casa, o inglês Skinell.” O doutor inglês declararia que se “levantava sempre da mesa com fome canina”. É pouco crível que houvesse pratos diferenciados para López e Lynch e seus ilustres comensais, como sugera a ensaística aliancista. [TAUNAY, 1922: 150.]

Em 25 de fevereiro, com os oficiais superiores acomodados em semi-círculo na grama diante do *cuartel general*, após desmentir os boatos de que pretendesse fugir para a Bolívia, o *mariscal*-presidente, sentado em cadeira, reafirmou a promessa de defender a pátria até a morte. A seguir, distribuiu fitas em tecido da medalha de *Amambay* para os que participaram daquela campanha. Jamais cunhada, ela levaria a inscrição “Venció

penúrias y fatigas” e seria em ouro e prata, cravejada de brilhantes e rubis. Segundo Centurión, a premiação produziu algum efeito benéfico sobre o moral decaído da tropa. [MAÍZ, 1996: 72; CENTURIÓN, 2010: 431.]

Como durante todo o conflito, Francisco Solano López praticamente não comunicara a ninguém seus planos de guerra. [MAESTRI, 2013: 107-140.] Nada corrobora a tradição que teria decidido dar seu último e derradeiro combate em Cerro Corá. Sabemos de certo que enviara ordens aos chefes das colunas paraguaias menores para que se dirigissem para aquela posição. Entretanto, nesse momento, as tropas periféricas começavam a ser conquistadas pela decisão de abandonar o combate.

Segundo Crisóstomo Centurión, o coronel Rosendo Romero e o comandante José Páez, na chefia da coluna *Tupi pytá*, obrigaram seus homens a marchas e contra-marchas forçadas, com o objetivo de esgotar as tropas, abandonar os feridos, preparar a rendição. Eles teriam combinado com as tropas aliancistas *surpresa* à coluna, plano que não prosperara pela resistência anteposta por oficial à margem da conspiração.

Denunciado e presos, Romero e Páez, dois sacerdotes e outros oficiais foram executados, possivelmente a golpes de lança, por escassear a munição. Em momento em que o conhecimento dessa traição golpearia o frágil moral das esqueléticas tropas, o *mariscal* preferiu manter em segredo as execuções, ao contrário do que fizera quando dos justicamentos do acampamento de San Fernando. [CENTURIÓN, 2010: 418-20; MAESTRI, 2013a: 124-149.]

### **Entre Cila e Caríbdis**

Sob novo comando, a coluna *Tupi pytá* foi dispersa por tropas imperiais e *legionários* colaboracionistas paraguaios. Pequenos grupos de combatentes que tentaram escapar por entre as tropas inimigas, ao serem presos, teriam sido degolados. Durante a campanha da Cordilheira, sob o alto comando do conde d’Eu, a execução de combatentes paraguaios transformara-se em prática rotineira. [MAESTRI, 2013b: 32-52; CENTURIÓN, 2010: 420.]

Negando-se a obedecer a ordem de marchar para Cerro Corá, também a coluna comandada pelo coronel Juan Bautista Delvalle, acossada pelas deserções, após três reuniões de oficiais, deliberou abandonar o combate, sem se entregar. Em nota de 25 de fevereiro, que o *mariscal*-presidente jamais recebeu, os oficiais propunham a falta de sentido em luta, já “sin esperanza”, que resultaria apenas no “aniquilamiento” da nação, sob a direção de “voluntad arbitraria y caprichosa”. [CENTURIÓN, 2010: 441-2.]

A coluna Delvalle conduzia em diversas carretas alimentos e metais preciosos do tesouro do Estado. No mínimo, um sargento-major foi morto por se opor à defecção. Mais tarde, o coronel Delvalle e seus seguidores, em grande número, foram executados, ao renderem-se, apoderando-se os imperiais do rico botim. As marchas e contra-marchas na Cordillera, de carretas portando recursos do Estado, favoreceram lendas sobre tesouros perdidos de Solano López. [CENTURIÓN, 2010: 441-2.]

Nos últimos dias de fevereiro de 1870, Solano López e 412 oficiais e soldados famintos, doentes e esfarrapados, segundo as anotações do coronel Juan Francisco, *Panchito*, filho do *mariscal* e chefe do Estado Maior, encontravam-se, sem saber, cercados pelas tropas imperiais, sob o comando do general José Antonio Correia da Câmara. [BRAY, 1996: 394.]

### ***Pasados, Desertores e Prisioneiros***

Em 18 de fevereiro, apenas dez dias após o *mariscal*-presidente chegar a Cerro Corá, o general rio-grandense José Antônio Correia da Câmara, em marcha, nas proximidades de Bela Vista, no comando geral de mais de dois mil homens, bem armados, bem apetrechados e bem alimentados, era informado pelo coronel rio-grandense Bento Martins sobre a localização em Cerro Corá da coluna lopizta, denunciada por *pasados*, desertores e prisioneiros. [CÂMARA: 1970, 393, 406.]

Até então, devido a notícias dadas por *pasados*, entre eles quatro *desertoras* – Conceição Cespedes, Petrona Cacere, Maria Torres e Gregória Varrezo – Correia da Câmara crera que as tropas inimigas marchavam para Dourados, no Mato Grosso. Em 4 de fevereiro, ele escrevia: “A situação do inimigo é extremamente precária. Faltam-lhe recursos e os laços de disciplina se desatam. Não julgo prudente deixá-los reanimar-se nos abundantes campos de Dourados, que lhe parecerá a Terra Prometida”. [CÂMARA: 1970, 393-4.]

Em 26 de fevereiro, convergindo as forças imperiais, desde o norte e leste, sobre Cerro Corá, Correia da Câmara foi informado por desertores, entre eles o tenente-coronel Solalinde, sobre o estado deplorável dos paraguaios e que Solano López não tinha conhecimento da aproximação das colunas imperiais. Ficou sabendo que a vigilância era frouxa no acampamento, pois se confiava na fácil defesa das posições ocupadas. [CONDE D’EU, 1877: 829 *et seq*; CÂMARA: 1970, 407.]

O general rio-grandense reduziu suas forças para acelerar a marcha e assentar golpe fulminante e final no inimigo. Logo, o caminho de fuga encontrou-se fechado aos

resistentes paraguaios. No dia 28 de fevereiro de 1870, Correia da Câmara acampava no arroio Guazú, por onde passara Solano López e sua coluna. Foi dali que lançou o ataque derradeiro. [FRAGOSO, 1960: 167-71.]

O general Correia da Câmara encontrava-se sob o comando do marechal de campo Vitorino Carneiro Monteiro e do conde d'Eu. Nos fatos, encontrava-se na chefia real das operações de perseguição a Solano López. Por carta de 6 de fevereiro, abdicando nos fatos ao seu comando, o conde d'Eu propusera-lhe simplesmente encontrar-se tão “amofinado que não” se julgava “mais capaz de dar quaisquer ordens nem formar juízo sobre cousa alguma relativa” àquelas operações. Propunha que, se fosse “possível capturar” o “monstro”, a operação seria feita por Correia da Câmara”, revertendo toda a “glória” a ele. [CÂMARA: 1970, 391.]

## 2. 1º DE MARÇO DE 1870: O ASSALTO IMPERIAL A CERRO CORÁ

Em 1º de março de 1870, terça-feira, possivelmente às seis horas da manhã, soldado paraguaio chegou à defesa do rio Aquidabán relatando que o passo do arroio Tacuara fora ocupado por tropas aliancistas, notícia imediatamente comunicada ao *mariscal*. A queda da defesa teria sido confirmada por paraguaios que fugiram dali para o acampamento central, onde teriam entrado, segundo parece, gritando que os “negros” haviam chegado! [TAUNAY, 1922: 139.]

As defesas do passo Tacuara foram atacadas pela retaguarda, à baioneta, a fim de conquistar rapidamente a artilharia, para que não disparasse nenhum tiro. O coronel Silvestre Carmona, o tenente Villamayor, o cirurgião Cirilo Soladinde e dois praticantes-médicos, desertados havia pouco de Cerro Corá teriam indicado picada que facilitara a surpresa, realizada sob o comando do tenente-coronel rio-grandense Francisco Antônio Martins. A luta encerrara-se sem que qualquer canhão paraguaio falasse, o que tardou que a notícia chegasse ao acampamento central. [FRAGOSO, 1960, 172; AVEIRO, 1998: 99; RESQUÍN, sd.: 132; CÂMARA, 1970: 409; TAUNAY, 1922: 134, 138.]

O tenente-coronel Candido Solís e dez homens, enviados a pé para confirmarem a perda do passo Tacuara, foram massacrados na picada. Não voltando o destacamento, o *mariscal* determinou que o coronel Crisóstomo Centurión e o comandante Ángel Riveros partissem com igual missão, a cavalo. Apenas dera a ordem, escutaram-se tiros de fuzis e canhões na defesa do rio Aquidabán, a uns 4,5 km. do arroio Tacuara,

também vencida sem dificuldades. Os disparos dos canhões paraguaios não teriam atingido nenhum inimigo, registrando a improvisação dos artilheiros. O caminho de Cerro Corá encontrava-se despejado. [FRAGOSO, 1960: 178; CÂMARA, 1970: 409; CENTURIÓN, 2010: 433.]

Nem mesmo se aproximaram ao rio Aquidabán, Centurión e Riveros retornaram à rédea solta para comunicar que o inimigo ultrapassava aquele passo. Próximo ao *cuartel general*, o *mariscal* deliberara com seus oficiais se combater ou refugiar-se nos montes, operação para qual não dispunham de tempo. Ao terminar o combate, sequer os carros e carretas dos familiares de López haviam iniciado o abandono de Cerro Corá. Decidida a resistência, o *mariscal*, seus oficiais e o batalhão de *rifleros* avançaram uns setecentos metros, aproximando-se da boca da picada que levava ao passo do Aquidabán. [AVEIRO, 1998: 100; CÂMARA, 1970: 410; RESQUÍN, 2008: 173; CENTURIÓN, 2010: 433.]

Quando Centurión e Riveros comunicavam ao *mariscal* a queda da defesa do Aquidabán, os cavalarianos da vanguarda imperial invadiam a esplanada de Cerro Corá, lanceando e sabreando os que alcançavam, costearam o acampamento em movimento de pinça que se fechou na boca da picada de Chiriguelo, onde o general Francisco Roa foi morto na borda do monte de mesmo nome. A tradição diz que ele foi intimado a entregar as armas de modo pouco respeitoso e *mui* brasileiro: “– Renda-se, paraguaio danado”. Teria respondido: “Jamás”. [PEREYRA, 1953: 176; CÂMARA, 1970: 411; CENTURIÓN, 2010: 433.]

### Quinze Minutos

Enquanto os caminhos de fuga eram fechados pelos ginetes imperiais, cavalarianos e infantes arremetiam pelo centro da esplanada, sob o comando do coronel rio-grandense João Nunes da Silva Tavares [Joca Tavares] em direção ao coração do acampamento, defrontando-se com Solano López, montado em cavalo baio-branco, malacara; o coronel *Panchito*, oficiais e o dismilinguido batalhão de *rifleros*. Em forma geral, os oficiais estariam a pé e portavam espadas e lanças. [TAUNAY, 1922: 142.]

O combate deu-se sob o calor abrasador do meio-dia. Centurión teria assumido o comando dos menos de cem *rifleros*, colocando-os em linha de atiradores [*guerrilha*], apesar de contarem com poucas armas de fogo e escassear a pólvora para os fuzis de chispa. Solano López e os demais oficiais teriam se posicionado por detrás da linha de

*atiradores*. [GODOY, 2007: 102; CONDE D'EU, 1877: 834; CENTURIÓN, 2010: 433; BRAY, 1996: 397.]

Ao se defrontarem com alguns veteranos, anciões encurvados, soldados doentes e estropiados e jovens imberbes, quase nus e semi-desarmados, a infantaria e a cavalaria imperiais interromperam a arremetida, fora do alcance da pontaria das raras armas paraguaias, alvejando os inimigos com as modernas *clavinas* [carabinas] *Spencer* de repetição, de retro-carga e cartucho de metal. O exército comprava para a cavalaria duas mil dessas carabinas leves, que disparavam sete tiros sem carregar, com trezentos metros de tiro útil! Não era combate, mas caça ao pombo! [BRAY, 1996: 392; CENTURIÓN, 2010: 431; FRAGOSO, 1960: 306.]

A presença do *mariscal*, do coronel *Panchito* e de oficiais, armados com sabres e lanças, infundiu algum ânimo à desesperada resistência. Nesse ínterim, o coronel Centurión, que tivera o cavalo ferido, foi derrubado da montaria por bala de fuzil que lhe estilhaçou o maxilar inferior, partindo-lhe a língua em dois. A partida do *mariscal*, a galope curto, segundo parece, devido o terreno pantanoso, em direção ao Quartel General, no centro da esplanada, pôs fim à resistência paraguaia. [BRAY, 1996, 397; FIX, s.d.: 253; CENTURIÓN, 2010: 433.]

O combate durara uns quinze minutos. Sem direção, sob chuva de projéteis, a linha de resistência dispersou, pondo fim ao que talvez tenha sido a maior tentativa de resistência organizada em Cerro Corá e o último combate à invasão do país. Nesse ínterim, novas tropas aliancistas penetravam na esplanada, segundo Crisóstomo Centurión, “matando a balas y bayonetazos a cuantos alcanzaban, lo mismo a los que se rendían como a los que iban huyendo casi sin aliento [...]” [CENTURIÓN, 2010: 433; CASCUDO, 1995: 26. ]

### **A morte de Panchito**

O coronel Juan Francisco Solano López, *Panchito*, com quinze anos, possivelmente após cavalgar ao lado do pai, foi ao encontro do carro de sua mãe e irmãos, a uns trezentos metros ao norte do Quartel General, para escoltá-lo. Alcançado por piquete imperial, negou-se às injunções para que se entregasse de sua mãe e do tenente-coronel Francisco Antônio Martins – “Entrega-te menino!” Lutou de sabre na mão, até ser fulminado por balaço. Talvez para minimizar a execução de um quase menino, Taunay proporia que o tenente-coronel Martins e seus homens o teria



fulminado apenas após ter feito “fogo com um revolver”. [CENTURIÓN, 2010: 437; TAUNAY, 1922: 134.]

A legenda romântico-patriótica propõe tradicional e didaticamente que os grandes fatos e feitos militares sejam encerrados por frase sintética conclusiva dos protagonistas. Essa sintaxe da narrativa castrense foi respeitada ao pé da letra pela tradição oral e historiográfica paraguaia. No caso do coronel *Panchito*, propõe-se que como última frase, respondera ao oferecimento de rendição, que “um coronel paraguayo no se rinde, jamais”, versão confirmada, décadas mais tarde, por Enrique, seu irmão e ajudante de ordens, de nove anos, presente aos sucessos. Crisóstomo Centurión não registra essa resposta. [CENTURIÓN, 2010: 437; O’LEARY, 1970: 343; FRAGOSO, 1960: 187; GODOI, 2007: 106.]

Enquanto se *combatia* em Cerro Corá, o futuro visconde de Taunay integrava a *antourrage* do conde d’Eu, que preparava a desejada volta à Corte. O futuro visconde, que antipatizava com Elisa Lynch contaria que, na ocasião, ela “trajava um vestido de luxo: seda preta com apanhados e babados brancos; penteada com muito cuidado, pareceria estar pronta para uma *soirée*, tanto mais quanto os seus dedos enfiavam custosos anéis de diamante.” [TAUNAY, 1922: 144.]

A rica *toilette* era igualmente estratégia de sobrevivência de classe, já que dificilmente um praça de *pret* imperial enfiaria lança em uma senhora tão ricamente vestida, confundida com uma *china*! Taunay escreveu igualmente que, “noutra carreta”, “estavam a mãe e as irmãs de López, estas de joelhos, agradecendo a Deus o aniquilamento do tirano.” As três estavam presas por conspiração. [TAUNAY, 1922: 144.]

### **Ai dos Vencidos!**

Ao fim do combate seguiu sem transição o massacre. Como tradicional, também no infortúnio, registra-se sobretudo a sorte dos personagens históricos excelentes, não se conhecendo, possivelmente, as condições da morte da maior parte dos homens e mulheres do povo, soldados e civis, executados em Cerro Corá. O cirurgião Estigarríbia, ferido na perna, foi morto por golpe de lança no arroio. O coronel José Maria Aguiar, também com a perna inutilizada em combate anterior, foi degolado, duas horas após o fim da luta, quando tentava escapar. [AVEIRO, 1998: 102; CENTURIÓN, 2010: 431.]

O vice-presidente Sánchez, venerando octogenário, encontrado próximo a carreta, com a espada de cerimônia que recebera dias antes do *mariscal*, foi atravessado pela

longa lança do capitão Azambuja, apesar da tentativa de jovem militar argentino de salvá-lo daquele ato desnecessário. Conta a tradição que também ele teria proferido uma última e gloriosa frase: – ¿Rendirme yo? ¡Jamás! Tentando justificar o ato inaceitável, em 8 de março, Alfredo Taunay escrevia que morrera por não ter sido “em tempo reconhecido”. [CENTURIÓN, 2010: 439; TAUNAY, 1922: 135].

Alfredo Taunay, que divaga na sua descrição de sucessos que não presenciou, registra cenas que se seguiram à luta: “O tirano ainda não tinha morrido, e as suas carretas eram teatro de verdadeiro furor. Mulheres, oficiais paraguaios de envolta com os soldados nossos, saqueavam freneticamente os depósitos de comida e roupa; tripudiavam como loucos, espalhavam montões de ouro [sic], queimavam papeis, disputavam jóias e, afinal, atearam um incêndio que reduziu tudo a cinzas.” [TAUNAY, 1922: 145.]

Apenas na sexta-feira, 4 de março, às 12:30, em rota para a vila de Concepción, para um “um passeio de três dias” – segundo Taunay, por razões de *doença* –, o conde d’Eu, em embarcação que portava seu nome, ao cruzar com o vapor de fornecimento Dawson, leu a mensagem, “escrita a lápis, no dia 1º”, de Correia da Câmara ao marechal Vitorino, sobre a morte de Solano López. A notícia permitia-lhe o sonhado retorno à Corte, proibido pelo imperial sogro. Escreveu na ocasião a Correia da Câmara ter ficado “doido de contente” com a notícia. [CÂMARA, 1970; 421; TAUNAY, sd.: 185.]

Ainda no barco, foram disparados tiros e dadas vivas à morte do *ditador* e brindes de fina *champagne* foram levantados ao Imperador, ao Conde e, finalmente, ao general Correia da Câmara. À noite, na vila de Concepción, realizou-se baile, aonde concorreram as “melhores famílias” paraguaias locais, em geral *espanhofones*, com a elevada presença do genro do Imperador. [TAUNAY, sd.: 185.]

### 3. PRIMEIRO ATO – O ÚLTIMO COMBATE DE SOLANO LÓPEZ

Os sucessos que levaram à morte de Solano López desdobraram-se em dois atos conclusivos. No primeiro, encenado à borda da floresta das margens do arroio Aquidabán-nigüí, ele contracenou com paraguaios e imperiais, de diversos quilates sociais. A maior parte do segundo ato, *mais íntimo*, dentro da floresta, foi um estranho diálogo final entre o *mariscal* paraguaio, derrotado, caído e ferido, e um general imperial vencedor, embriagado pela vitória. Sobre o epílogo dessa tragédia histórica,

dispomos principalmente dos relatos do general rio-grandense, antes e após a má recepção pelo público de seu desempenho cênico.

Há quase concordância geral sobre os sucessos que envolveram Solano López na beira da floresta. Apesar das inevitáveis imprecisões e divergências pontuais, convergem no essencial os depoimentos de oficiais e combatentes paraguaios e imperiais sobre aqueles poucos minutos, antes do *mariscal*-presidente internar-se na mata para despedir-se da vida. As provas materiais apontam igualmente na mesma direção dos depoimentos.

De volta ao Quartel General, Solano López teria fugido dali, a cavalo, acompanhado de três oficiais, também a cavalo, o coronel Silvestre Aveiro, o major Manuel Cabrera e o alferes Ignacio Ibarra, sendo alcançados por piquete de cavalarianos imperiais, pela esquerda, o que lhes impediu, portanto, de se aproximarem da mata ciliar do arroio Aquidabán-nigüí. Comandava os cinco cavaleiros imperiais cabo armado de lança. Anos mais tarde, recordando os fatos, o coronel paraguaio Silvestre Aveiro propôs que os cavalarianos imperiais intimaram Solano López à rendição. [AVEIRO, 1998: 100-1; CÂMARA, 1970: 427; [TAUNAY, 1922: 142.]

O alferes Ignacio Ibarra, também presente, escreveria, passados quinze anos, que a oferta teria sido com as seguintes palavras: “Mariscal, rendíos, que teneis seguros vuestra vida y vuestros intereses.” Já nesse momento, segundo ele, o *mariscal* respondera diversas vezes que *morreria com a Pátria*. Versão pouco crível, já que contradiz as demais e um cabo não estava autorizado a oferecer proteção à vida e aos interesses do líder político e militar máximo do Paraguai. [IBARRA, 2007: 98; GODOY, 2007: 98; BRAY, 1996. 398.]

Segundo Silvestre Aveiro, “el cabo por um lado, y el outro [imperial], por outro”, aproximaram-se do *mariscal* para tomá-lo como prisioneiro. Solano López tentou ferir com seu espadim de cerimônia o sub-oficial que desviou o golpe “al mismo tiempo de pegarle una lanzada en el bajo vientre, y el otro a su vez le dio un hachazo en la sien derecha”. O golpe de machado foi amortecido pelo chapéu panamá do *mariscal*, perdido no ato. Comportamentos pouco condizentes com intenção de aprisionamento! Talvez para cercar o *mariscal*, os imperiais tenham apeado, o que explicaria o golpe de lança dado de baixo para cima, como veremos. [AVEIRO: 1998: 101.]

O responsável pelo grave ferimento fora o cabo José Francisco Lacerda, de 22 anos, de alcunha Chico Diabo, rio-grandense de Camaquã, ordenança do coronel João Nunes da Silva Tavares, do 19º Corpo Provisório de Cavalaria. *Chico Diabo* teria

declarado ao conde d'Eu, em Concepción, que “tinha levantado um pouco López com a lança”, no momento do golpe.<sup>3</sup> A lança está depositada no Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro, onde também se encontra o célebre canhão *Cristiano*. Em anotação, de 31 de março de 1870, em Humaitá, Alfredo Taunay confirma a autoria do golpe. [CASCUDO, 1995: 19 *et seq*; [TAUNAY, 1922: 140.]

### **Buscando o Mato**

Enquanto o *mariscal* era ferido, fora do mato, chegaram montados, em sua defesa, o capitão Francisco Arguello e o alferes Chamorro, que se envolveram em combate a sabre, sendo gravemente feridos, inferiorizados quanto ao número, às armas e às condições físicas. Naquele então, no acampamento de Cerro Corá, bem alimentados, apenas Solano López e seus familiares. [CENTURIÓN, 2010: 434; AVEIRO, 1998: 101.]

Após ferir Solano López na testa com machadada e, gravemente, com golpe de lança na virilha direita, que lhe alcançou as entranhas, os cavaleiros imperiais mantiveram-se a uns dez metros [dez varas] de distância, “formados, pero sin intentar agresión”, sempre na borda do mato. Talvez esperassem instruções de oficial superior de como proceder com o *mariscal*-presidente. Enfurecido, acuado, ferido, Solano López ordenara diversas vezes aos poucos que o cercavam que matassem os “macacos”! [GONZALEZ, 1926: 27; AVEIRO, 1998: 101.]

Aproximando-se de Solano López, o coronel Silvestre Aveiro tocou com a mão a perna do *mariscal*, convidando-o, em guarani, a que o acompanhasse, entrando no bosque para salvar-se. Montado, Solano López seguiu Aveiro que, ao penetrar na mata, incapaz de cortar as ramas das árvores, devido ao cansaço e à fome, abriu o caminho com o corpo, seguindo as pisadas e traços deixados por soldados paraguaios quando da procura de frutas. No interior da mata, na beira do arroio Aquidabán-nigüí, o *mariscal* caiu do cavalo, que investiu Aveiro, sem feri-lo. Portanto, Aveiro estaria, nesse momento, a pé. [AVEIRO, 1998: 101.]

Na mata, o coronel Silvestre Aveiro, o major de *rifleros* Manuel Cabrera, e o alferes e escrivão Ignacio Ibarra, de dezesseis anos, apenas chegados, ajudaram Solano López a descer em direção ao córrego, para superarem o barranco oposto, operação não realizada devido ao peso do *mariscal*. Segundo Silvestre Aveiro, apoiando-se em

<sup>3</sup> Carta da princesa Isabel, ao sogro, em 23/07/1870, segundo depoimento de seu esposo. “[...] qu’il avait même un peu soulevé López avec la lance ». [CÂMARA: 1870, 460].

“palma derribada”, López mandara que procurassem “parte más baja” do barranco, para subirem. O certo é que Cabrera, Aveiro e Ibarra partiram, quando Correia da Câmara e dois soldados imperiais chegavam. Ao aproximar-se o alferes Victoriano Silva, possivelmente um quase menino, ajudante do ministro Luis Caminos, foi despedido pelo *mariscal*, que lhe presenteou seu chicote de montaria. [AVEIRO, 1998: 101; O’LEARY, 1970: 343.]

### **Recordações de Silvestre Aveiro**

Como infantess passaram a atirar sobre Silvestre Aveiro, quando se retirava, ele teria se sentado, na margem do arroio, em sinal de rendição. Escrita em 1880, uma década após os fatos, sua versão dos momentos seguintes é divergente com o geralmente proposto. Segundo ele, o general Correia da Câmara, apenas chegado, trocara algumas palavras com Solano López, que não pode ouvir bem, à exceção de uma ou outra palavra, “como Patria”. Portanto, Aveiro não escutou o que o *mariscal*-presidente disse, se é que disse algo.

Já no Rio de Janeiro, preso, Silvestre Aveiro soubera – por leituras de jornais e conversas – que Correia da Câmara intimara o *mariscal* à rendição e recebera como resposta: “– Me garante lo que pido?” E, que, após saber que lhe garantia apenas a vida, respondera: – “Entonces, muero con mi Patria!”. A seguir, levantara seu espadim de cerimônia, caíra na água, de onde fora retirado com vida. A paraguaia Rosalia González, ali perto, vira também Solano López sendo levado com vida para a margem. Aveiro escrevera apenas em 1880 suas *Memórias militares*. [AVEIRO, 1998: 103.]

Silvestre Aveiro teria escapado, com a família, dirigindo-se para vila de Concepción, sendo aprisionado, na beira no caminho, com o comandante Manuel Palacios, comendo laranjas. Em Concepción, o general Correia da Câmara, acusada Aveiro de graves atos e comparara o *mariscal* a Atila, a Nero, a Calígula, recriminando-o por não apunhalá-lo! Levado como prisioneiro ao Rio de Janeiro, o ex-escrivão e coronel por necessidades da guerra, retornou a Asunción em dezembro de 1870. [AVEIRO, 1998: 104.]

## 1. SEGUNDO ATO – A MORTE DO *MARISCAL* SEGUNDO CORREIA DA CÂMARA

O drama se encerraria sem o testemunho próximo de qualquer oficial ou soldado paraguaio, que pouca chance teria tido de sobreviver, caso se mantivesse ao lado do *mariscal*. Sobre os momentos seguintes, presenciados por apenas um punhado de imperiais, pronunciaram-se, sobretudo, o general Correia da Câmara, diversas vezes, e o coronel Silva Tavares, ambos oficiais excelentes. Esses momentos finais se mantêm ainda na obscuridade.

Correia da Câmara apresentou três relatórios oficiais contraditórios sobre morte do *mariscal*-presidente. A primeira *parte* [relatório militar] sobre o combate, enviada, ainda em Cerro Corá, em 1º de março, ao marechal Vitorino, dizia apenas: “O tirano foi derrotado e não querendo entregar-se foi morto à minha vista. Intimei-lhe ordem de render-se quando já estava completamente derrotado e gravemente ferido, e não o querendo [render-se] foi morto.” Se procedem as narrativas de Aveiro e Rosalia, teria sido morto após ser retirado do arroio. [CÂMARA, 1970: 426.]

Correia da Câmara escreveria dois outros relatórios oficiais, em 13 de março e em 30 de abril. Se no primeiro, afirmara, duas vezes, que o *mariscal*-presidente fora morto sob seus olhos, no segundo, propunha que, após intimá-lo à rendição e, recebendo dele como resposta um golpe de espada, mandara um soldado desarmá-lo, “ato que foi executado no tempo em que exalava o último suplício [...]” Agora, sugeria que morrera no arroio de ferimentos anteriores, sem interferência. [CÂMARA, 1970: 431]

O terceiro relatório oficial, datado em Asunción, endereçado a Manuel José Vieira Tosta, barão de Murutiba, ministro da Guerra do Império, foi o mais longo, mais detalhado e mais divulgado pelo governo imperial. Nesse momento, Correia da Câmara assumira como comandante em chefes das forças brasileiras no Paraguai, devido à partida para o Rio de Janeiro do conde d’Eu, tão ardentemente desejada pelo príncipe imperial. [CASCUDO, 1995, 28-32].

No terceiro relato, Correia da Câmara propõe que, ao chegar ao pé do mato, encontrara seu secretário, o major José Simeão de Oliveira, também rio-grandense, que lhe indicara onde Solano López “se apeara e se internara”, e que se encontrava “já ferido, durante a perseguição que sofrera”. Correia da Câmara mandara o major em busca do arquivo paraguaio e entrara, sozinho, no mato, onde se fizera seguir por dois soldados. Talvez devido a ordens anteriores, deixavam-lhe a primazia para o tratamento final de Solano López. [CASCUDO, 1995: 30; CÂMARA, 1970: 435.]

Ao chegar à margem do arroio, Correia da Câmara vira o *mariscal*, “prostrado sobre a barranca oposta”, que propôs ser “muito baixa”, com parte do corpo mergulhado na água, portanto sua espada. Portanto, não procederia a dificuldade dos três paraguaios de fazerem Solano López vencer aquela barreira! O *mariscal* estaria acompanhado por dois oficiais, prontamente mortos, devido à “atitude ofensiva” que mostraram. [CÂMARA, 1970: 435; FRAGOSO, 1960: 181.]

Em 20 de junho de 1870, o New York Herald reproduziu carta de Correia da Câmara. Tratava-se de agradecimento, dirigida em 21 de abril, ao jornal La Nación [mitrista], publicada pelo jornal, em 4 de maio. Portanto, carta pouco anterior ao terceiro relatório oficial, de 30 de abril, ao barão de Muritiba. Nela, o general imperial dava o nome dos dois oficiais paraguaios que teriam sido mortos a tiros, de “sabre en mano”, por receberem os imperiais “como implacables y rancorosos enemigos y no como a libertadores [sic]”: o major [Gaspar] Estigarribia e [Simon] Vargas. O cirurgião Estigarribia, que mal podia manter-se em pé, devido a ferimentos em uma perna, teria sido morto, por soldado, a lançadas, no curso do arroio, antes daqueles sucessos. [NEW YORK HERALD, 1870; CÂMARA, 1870, 441; PEREYRA, 1953: 152, 168.]

### **Oferecendo a Rendição**

Imediatamente, sempre segundo o terceiro relatório oficial de 30 de abril, Correia da Câmara oferecera a rendição, duas ou três vezes, mais ou menos com as seguintes palavras: – “Marechal. Entregue sua espada. Eu, general que comando estas forças, lhe garanto o resto da vida.” À garantia dada pelo comandante imperial, o *mariscal* respondera com golpes de espada no ar, proferindo, com algumas variações, as seguintes palavras: “No me rindo, ni entrego mi espada, muero con ella y por mi patria”. [FRAGOSO, 1960 : 189; CÂMARA, 1970: 435.]

Em continuação, Correia da Câmara ordenara que soldado desarmasse o presidente paraguaio, ferido mortalmente, e o levasse preso ao acampamento. Já sem a espada, debatendo-se para “escapar à imersão” do rosto na água, devido ao “seu estado” final, o moribundo “apenas pode erguer a cabeça” para exalar “seu último alento”. Morreria no ato de ser desarmado e preso, sem receber qualquer ferimento já no mato – sempre segundo o terceiro relatório oficial de Correia da Câmara. Não saíra portanto com vida do arroio, como propuseram Aveiro e Rosalia. [CÂMARA, 1970: 435; CASCUDO, 1995: 31.]

Sobre o ferimento responsável pela morte, Correia da Câmara revisara sua visão anterior. “Eu mesmo acreditei a princípio que López recebera um golpe mortal de lança durante a perseguição e hoje estou convencido de que não houve tal ocorrência e que ele sucumbiu aos ferimentos de arma de tiro.” Possivelmente os soldados que acompanharam Correia da Câmara portassem fuzis, e não lanças. [FRAGOSO, 1960: 182.]

Na citada carta de 21 de abril, publicada pelo New York Herald, Correia da Câmara jurou por sua honra, por seu nome, por sua pátria, que o *mariscal* Lopez “não foi, nem poderia ter sido [morto], nas mãos de meus ilustres companheiros de armas, e ainda menos nas minhas”. Jurava que fora ferido “mortalmente em dois lugares”, por tiros de bala, fora do mato, quando perseguido. O *mariscal*, agonizante, expirara, diante de seus olhos, no córrego, quando um soldado tentava desarmá-lo, “sem receber novo ferimento”. [New York Herald, 1870.]

Mas que “ferimento de arma de tiro” teria ultimado o *mariscal*-presidente? Na segunda *parte*, de 13 de março, Correia da Câmara dissera que major José Simeão destacara-se “na derrota do inimigo”, ao perseguir o “ex-dictador” e fazer com que seus “soldados” “dirigissem de preferência seus tiros” sobre ele, quando “velozmente fugia para o mato, sendo para mim certo que a essa perseguição incansável devemos o fim que teve o tirano”. Em nota de 31 de março, posterior ao segundo relatório de Correia da Câmara, Alfredo Taunay propõe que o sargento que descarregara os sete tiros de sua carabina atingira o ministro Caminos. [CONDE D’EU: 1877, 835; CAMARA, 1970: 431; TAUNAY, 1922: 139.]

### **Carabina Automática**

Na carta de 15 de maio, publicada no jornal estadunidense, Correia da Câmara foi específico ao afirmar que Solano López, ao deixar “seu cavalo para entrar na floresta”, os cavaleiros imperiais que o perseguiram “desceram também e dispararam quase sem interrupção, e foram suas balas que encerraram a vida do marechal Lopez”, mais tarde, no leito do riacho. Até então, propusera-se que aqueles tiros haviam matado o coronel Luis Caminos, *ministro* da Guerra e da Marinha. [New York Herald, 1870; CASCUDO, 1995: 23.]

Portanto, para Correia da Câmara, dos tiros disparados, dois feriram Solano López, que morreria, mais tarde, após negar-se à rendição e proferir suas gloriosas palavras, na beira do riacho, e não fora dele. Entretanto, essa versão final linear dos



fatos, dignificante para executor e executado, fora questionada desde os primeiros momentos, como também seria impugnada, mais tarde, pelo relato de Silvestre Aveiro. [AVEIRO, 1998: 100-103.]

No terceiro e derradeiro relatório oficial, de 30 de abril, Correia da Câmara reconhecia as impugnações das suas versões anteriores: “[...] tem chegado ao meu conhecimento que várias versões contraditórias circulam a respeito do fim trágico do mesmo ditador e em algumas dessas se nos imputa uma crueldade incompatível com a nossa índole, civilização e inúmeros precedentes.” [CAMARA, 1970: 434.]

Nesse relatório, incorporava esclarecimento que aumentava a suspeição. “Não fiz um exame sobre os ferimentos do marechal López, por que nunca foi costume fazê-lo sobre os cadáveres dos generais [...]”. Naquela correspondência, o general não declinou explicitamente quais os atos medonhos que lhe imputavam, como o fez na carta de 15 de maio, publicada pelo New York Herald. Era simplesmente acusado de ter assassinado Solano López, moribundo. [CÂMARA, 1970: 435.]

## 2. SILVA TAVARES CORRIGE SEU EX-COMANDANTE

Em 1880, dez anos após os sucessos, a terceira versão oficial proposta por Correia da Câmara seria substancialmente corrigida, com provas à mão, por Silva Tavares, seu comandado na época dos sucessos. Respondendo, no jornal Eco do Sul, a artigo publicado, em 8 de março de 1880, por Correia da Câmara, na Gazeta de Porto Alegre<sup>4</sup>, sobre a morte de Solano López, o ex-coronel Silva Tavares relatou o que sabia sobre os fatos. E sabia muito. [PEREYRA, 1953: 170.]

O agora general e barão de Itaqui indignava-se com a proposta de Correia da Câmara, na Gazeta de Porto Alegre, de que Solano López “tinha um ferimento de bala no baixo ventre, que havia recebido naturalmente quando transpunha o rio [sic], junto ao qual havia caído”. Essa ferida, recebida, agora, ao transpor o arroio, o teria impedido de continuar a fuga. O general não dizia quem disparara o tiro! [PIMENTEL, 1978: 170; PEREYRA, 1953: 170.]

Segundo Silva Tavares, a proposta opunha-se “à verdade dos fatos [...]”. Na sua parte oficial, de 2 de março de 1870, ao general Câmara, o coronel Silva Tavares

---

<sup>4</sup> Em sua bibliografia do avô, o general Rinaldo Pereira da Câmara propõe que o artigo fora escrito, em 8 de março de 1880, e publicado no dia 10, na “Reforma”, de Porto Alegre, periódico do Partido Liberal. [CÂMARA, 1970: 443].

assinalaria que, ao entrar no “mato”, Solano López já o fizera “ferido pela lança do meu cabo de ordens Francisco Lacerda”. Em verdade, quando Correia da Câmara entrara na mata, Francisco Lacerda dissera-lhe: “– *Vai lanceado na barriga.*” [FRAGOSO, 1960 : 180; CÂMARA, 1970: 427; PIMENTEL, 1978: 171; CASCUDO, 1995: 35.]

Fatos ocorridos diante de diversos oficiais e soldados imperiais. E, para comprovar o golpe de lança fatídico, Silva Tavares refere-se a laudo expedido pelos cirurgiões Costa Lobo e Barbosa Lisboa, a quem ele pedira “que examinassem o cadáver do ditador e atestassem a natureza dos ferimentos”. O exame realizara-se antes e o atestado fora datado em 25 de março, data posterior ao relatório de Corrêa da Câmara de 13 daquele mês! [CÂMARA, 1970: 427; FRAGOSO, 1960 : 183-4.]

O laudo cadavérico apontara três feridas: uma na região frontal, de três polegadas de largura [uns sete cm.], é crível que produzida por golpe de acha ou espada; um golpe – possivelmente de lança – de “polegada e meia de extensão” [quatro cm.], dirigida “obliquamente de baixo para cima”, que comprometera o “peritônio”, “o intestino” e a “bexiga” e, finalmente, “ferida de bala de fuzil na região dorsal”, ou seja, nas costas, sem saída, já que o “projétil ficara na caixa torácica”. Os médicos atestaram que o golpe de lança comprometera irremediavelmente a vida do *mariscal*. [CAMARA, 1970: 444; FRAGOSO, 1960: 184.]

### Três Chagas

Sobre o tiro que Solano López recebera, Silva Tavares, mesmo não tendo presenciado os últimos momentos, apresentara versão diversa à de Correia da Câmara: “Então o general [Correia da Câmara] apeou-se, entrou no mato, e não muito longe encontrou López recostado sobre o barranco do rio, com parte do corpo metido n’água, com a espada na mão atravessada sobre a cabeça, segurando a ponta da espada com a mão esquerda.” Posição que corresponde ao relato de Silvestre Aveiro.

Nessa situação, o *mariscal* fora intimado a render-se, proferindo suas palavras putativas célebres, que Silva Tavares propõe um pouco diversas: “– *Morro por minha pátria e com a espada na mão*”. A seguir, quando soldado, seguindo ordem de Correia da Câmara, puxara-o pelo punho, tentando desarmá-lo, o *mariscal* recebera “sob a região dorsal” um ferimento de bala. Silva Tavares não diz quem dera o tiro! Entretanto, corrobora a proposta de morte no arroio, e não fora dele. [PIMENTEL, 1978: 172.]

No geral, a versão divergente apresentada pelo barão de Itaquí era corroborada pelo exame do corpo cadavérico dos dois médicos. Era compreensível a preocupação do

agora general Silva Tavares com a morte de Solano López. Ele relatava em seu artigo de 1880: “Na ocasião em que se aprontavam as forças para o combate, mesmo na presença do Sr. General Câmara, eu disse: – *Dou cem libras a quem matar López em combate.*” Afirmação que Correia da Câmara jamais desmentiu. [CASCUDO, 1995: 34.]

Destaque-se que, Alfredo Taunay, em 31 de março de 1870, em nota escrita em Humaitá, prenhe de romantismo, abraçava igualmente a tese do tiro que ultimara o *mariscal*. Após ter Correia da Câmara ordenado que Solano López fosse desarmado, e enquanto um soldado o agarrava pelos pulso, entrevistara um segundo soldado: “Nesse instantes rapidíssimos um soldado da cavalaria veio correndo e descarregou-lhe no lado direito um tiro a queima-roupa, que lhe foi direto ao coração.” [TAUNAY, 1922: 143.]

Desde o fatídico 1º de março, Silva Tavares não deixara de conceder ao seu ordenança o direito à honra e à premiação de ser o responsável pela morte de Solano López, mesmo após a proposta de seu superior de que o *ditador* não fora morto por ferimento provocado por lança. O soldado João Soares, também rio-grandense, suposto responsável pelo tiro que ultimara Solano López, pelas *costas*, teria eventualmente reivindicado a recompensa. [CASCUDO, 1995: 57.]

José Francisco Lacerda [Chico Diabo] teria recebido de Silva Tavares, em gado, em Bagé, cem novilhas, entrando para a história como responsável pela morte. Nos preços de hoje, de 100 a 120 mil reais! João Soares, responsável por tiro, disparado nas costas de Solano López, desmentido pelos relatos de Correia da Câmara, sem oficial para defendê-lo, teve o nome esquecido, apesar de ser, possivelmente, o executor do *mariscal*-presidente. [PIMENTEL, 1978: 174.]

Definitivamente, Silva Tavares não deixava em boa situação seu ex-comandante, reforçando a suspeição de ter ordenado a execução final de Francisco Solano López.

## 6. FRANCISCO SOLANO LÓPEZ – MARCADO PARA MORRER

A execução de Francisco Solano López não seria um deslize ou iniciativa pessoal do general Correia da Câmara. Em 1927, Luis da Câmara Cascudo, apologeta desenfreado das glórias imperiais no Paraguai, escreveu um breve ensaio – *López do Paraguay* – sobre a execução do *mariscal* e o que via como a inaceitável consequência daquele ato – a transformação da *besta-fera* em herói. No ensaio, o folclorista e historiador conservador propusera sobre Solano López: “Desonesto, impudico,

covarde, sanguinário, caluniador, selvagem como um sioux [sic], cauto e venenoso como uma víbora, não deixou uma frase que não fosse de ódio, de ameaça ou de morte.” [CASCUDO, 1995, 74.]

Câmara Cascudo reagia à retomada da defesa das razões do Paraguai e do papel do *mariscal* naquele conflito, exasperada pela reedição, havia pouco, da obra de Juan Emiliano O’Leary, *El mariscal Solano López*. [O’LEARY, 1970: 343.] Em seu trabalho clássico, Crisóstomo Centurión já propusera sobre aqueles sucessos: “*Cerro Corá* [...] constituye el triunfo moral que alcanzó el Paraguay sobre sus enemigos”. O triunfo de un “ejército nacional” que não foi “derrotado sino totalmente exterminado”. [CENTURIÓN, 2010: 429.]

Insuspeito de simpatia pelo Paraguai e o *mariscal*, Câmara Cascudo chamava a atenção para o *contexto* em que se dera aquela morte. Com razão, lembrava que, durante o conflito, os dirigentes aliancistas, com destaque para os imperiais, jamais criaram, “em torno do Ditador, um melhor ambiente para as negociações” de paz. Nem propuseram, quando da agonia final da resistência, na Cordilheira, condições minimamente aceitáveis para que ele abandonasse o combate. [CASCUDO, 1995: 58.]

Para Câmara Cascudo, tal realidade devera-se, em grande parte, à “ordem tácita do Imperador” de que Solano López fosse preso. O que não corresponde aos fatos históricos. Tudo aponta para que dom Pedro II, no comando de fato da guerra, deixara três grandes saídas ao *mariscal*: a morte, a rendição incondicional e o abandono do país, com o descrédito que acarretaria. Em verdade, o medo do comando imperial de que Solano López alcançasse a Bolívia sugere que sequer essa última opção era-lhe oferecida no final do confronto.

Dom Pedro aferrava-se à destruição física do *mariscal*-presidente, não aceitando qualquer tipo de negociação. Já em 8 de outubro de 1866, após a derrota de Curupaty, ele escrevera à sua amante, a condessa de Barral, a quem informava detalhadamente sobre a guerra: “Fala-se de paz no Rio da Prata, mas *eu* não faço paz com López, e a opinião pública me acompanha [...]” [MONTEIRO, 1962: 45 *et seq.*; MAGALHÃES JÚNIOR, 1956: 87.]

Prisioneiro, Francisco Solano López poria problemas ainda maiores o governo imperial, que certamente seria obrigado a deixá-lo partir para o exterior, coberto de glória. Haveria sempre o perigo de que retornasse mais tarde, para talvez reinar sobre sua pátria por cem dias, no pior dos casos! Mesmo na sua agonia, a sombra do *mariscal*

projetava-se ameaçadoramente sobre os planos do Império e da Argentina para a *nova* República do Paraguai.

### **Cabeça a Prêmio**

A morte de Solano López, *em combate*, como opção preferencial, seria idéia consolidada no alto comando. Câmara Cascudo lembrava a recompensa de cem libras, oferecida por Silva Tavares em presença de Correia da Câmara. [CASCUDO, 1995: 34.] E haveria outro prêmio, ainda maior, pela cabeça do *mariscal*, oferecido pela província do Maranhão, para quem executasse o “tirano” em *combate*. Soldados e sub-oficiais certamente ensandeceram-se com a possibilidade de receber aqueles prêmios magníficos. [CÂMARA, 1970: 450.]

O tratamento verbal de Solano López por Correia da Câmara nas duas primeiras *partes* registra a execração e ódio que ele voltava ao *mariscal*, *sugerindo* ordem de execução. Na *parte* de 1º de março, ao marechal Victorino Monteiro, refere-se a Solano López, já morto, como “tirano”. Propõe que fora executado, após se negar a render-se/entregar-se. “O tirano [sic] foi derrotado e não querendo entregar-se foi morto à minha vista. Intimei-lhe ordem de render-se, quando já estava derrotado e gravemente ferido e não querendo [se render] foi morto.” [CASCUDO, 1995: 24]

Em sua segunda parte, de 13 de março, escrita em Asunción, vivendo já sob o impacto das repercussões negativas causadas pelas condições da morte de Solano López, Correia da Câmara não se afastava da concepção triunfante da derrota do mal absoluto pelas forças do bem, materializada na morte do *ditador*. Sua descrição retórica da carga sobre a linha de *rifleros*, sob o comando do *mariscal*, registra seus sentimentos sobre o inimigo.

“O coronel Silva Tavares não lhe deixou mais tempo para respirar. Carregando sobre ele [Solano López], dizimando seus defensores, mutilando seu piquete de oficiais, ceifando com o gládio da vitória aquelas vidas que, como anjos do mal [sic], se opunham à paz e a regeneração [sic] de um povo, levou-o [a Solano López] de envolta no pó e no fumo, de encontro ao mato que margeia o Aquidabán-nigüi. A tão encarniçada perseguição não pode o tirano [sic] fazer face.”

E segue com a linguagem do justiceiro: “Abandonando-se à fuga, [o *mariscal*] lançou-se para o interior do mato, onde de perto o seguiram um punhado de bravos que lhes juraram extermínio [sic], até que ferido, desanimado, exausto, apeando-se de seu cavalo, dirigiu-se para aquele arroio [Aquidabán-nigüí], que tentou transpor, caindo de

joelhos na barranca oposta.” Fala da intenção dos perseguidores de aniquilação, sem proferir palavra sobre suas pretensas ordens de poupá-lo, propostas no terceiro relatório oficial, do mês seguinte.

Ainda no segundo relato, propõe: “Foi nesta *posição* que, tendo-me apeado e seguido em seu encalço, o encontrei. Intimei-lhe que se rendesse e entregasse a espada, que eu lhe garantia os restos de vida [sic], eu, o general que comandava aquelas forças. Respondeu-me atirando-me um golpe de espada. Ordenei então a um soldado que o desarmasse, ato que foi executado no tempo em que exalava ele o ultimo suspiro, livrando a terra de um monstro [sic], o Paraguai, de seu tirano [sic], e o Brasil do flagelo da guerra.” Com um monstro, não há contemplação. A morte fora, portanto, medida profilática! [FRAGOSO, 1960: 177-9.]

### **A vida, o Corpo, a Memória**

O tratamento verbal dado por Correia da Câmara em suas *partes* sugere a forma desrespeitosa com que *ofereceu* a rendição, caso tenha oferecido, antes da morte do “monstro”. Ainda nesta segunda narrativa, que procura já *retocar* os fatos, diante da má repercussão que sua ação motivara, segue não havendo palavra sobre a oração patriótica final do *mariscal*! A única resposta que Correia da Câmara teria recebido do *mariscal* fora “um golpe de espada”. [CONDE D’EU: 1877, 835.]

A profanação do cadáver de Solano López, após a morte, sob os olhos de Correia da Câmara, corrobora a hipótese de execução, talvez sem oferecimento de quartel e sem trocas de palavras. Antes do corpo ser transportado em tipóia ao acampamento, o soldado Genésio Gonçalves Fraga, do Norte, cortou a orelha esquerda do *mariscal*. Soldados quebraram os dentes a coronhadas de fuzis. Um dedo, pedaço do couro cabeludo, mechas de cabelos. O *mariscal* perdeu todas as roupas já que as mesmas serviram como troféus. [DORATIOTO, 2002: 453; CASCUDO, 1995: 57; PEREYRA, 1953: 176; GODOY, 207: 106; TAUNAY, 1922: 144.]

Ao ser enterrado, ao corpo de Solano López não foi rendida a homenagem devida pelas tropas imperiais ao ex-chefe de Estado e marechal, nem seus oficiais e soldado, presos em Cerro Corá, puderam prestar-lhe um último tributo. Elisa Lynch obteve o direito de inumar seu companheiro, depositado em cova aberta por sapadores imperiais, junto ao filho José Francisco. Tradição heróica propõe que ela abriu a sepultura de seu companheiro e filho com suas próprias mãos e, em alguns casos, usando como

ferramentas as mãos! [CASCUDO, 1995: 39; BRAY, 1996, 401; O’LEARY, 1970: 348.]

Correia da Câmara tripudiava sobre o corpo do *mariscal*, como o faria, a seguir, sobre sua memória, ao obrigar os oficiais paraguaios presos a renegá-lo – e a resistência ao invasor –, por escrito e por palavras. Ao ser preso, o coronel Silvestre Aveiro foi recriminado por Correia da Câmara por não ter apunhalado Solano López. Mais tarde, a bordo de navio de guerra, foi obrigado a escrever ato de contrição, por escrito. O mesmo seria feito por outros oficiais, sob o peso da derrota e nas mãos dos vencedores. [AVEIRO: 1998, 27.]

Em 31 de agosto de 1870, em Humaitá, o general Isidoro Resquín escreveria rasgada carta de agradecimentos por sua vida e pela restituição de sua liberdade ao “heroe” da “grand jornada” de Cerro Corá e às “tropas que allí dieron el último combate” da “lucha gigante de la libertad y la tiranía, la civilización y la barbarie”. Agradecia também ao “Brasil y sus aliados” por salvarem um “pueblo intero” que “gimió largos años bajo un jugo de fierro”.

Agradecia a Correia da Câmara e a “gran crusada” aliancista pela “nueva era paraguaya inaugurada sobre el cadáver todavía tevio [sic] del ultimo de los López” e propunha que os benefícios de tal ação ainda não se revelavam plenamente porque o paraguaio, vivendo na “opresión y desconociendo sus derechos no estaba educado para recibir tamaño favor”. Propunha que, quando “el tiempo” tivesse “enseñado” a seus “compatriotas a gozar la libertad y de todos sus beneficios, el pueblo paraguay unísono bendicirá el vencedor de Cerro-Corá”. [CÂMARA, 1964: 334.]

Em nota sem data, escrita talvez em Humaitá, após a vitória, o futuro visconde de Taunay referiu-se em forma muito dura a Resquín, acentuando as cores, como era seu normal: “Miserável tipo! Abjeto instrumento! Altivo, atrás para o prisioneiro! Hoje o mais baixo de todos! Levanta-se submisso quando por diante dele passa qualquer soldados [aliancista] e tira o chapéu. Não quer por nada ficar no Paraguai e pediu ao Príncipe para que o levasse até como seu criado.” [TAUNAY, 1922: 151.]

## 7. CORREIA DA CÂMARA: REESCREVER A HISTÓRIA POR ORDENS SUPERIORES

Sentindo-se verdadeira *personificação da fúria de deus*, Correia da Câmara parece não ter compreendido a extensão de sua ação. Entretanto, o inevitável impacto causado

após a batalha pela eventual execução sumária do marechal paraguaio, agonizante, isolado, com tiro nas costas, exigia que ele se dobrasse às exigências do Estado Imperial de rerepresentação menos aviltante dos fatos, mesmo à custa de seu enorme e indelével constrangimento pessoal e histórico.

No dia 4 de março, o conde d'Eu recebera a *parte* de 1º de março, desde Cerro Corá, enviado ao seu imperial sogro. No dia 14 de março, o major José Simeão de Oliveira lhe entregara a segunda *parte*, do dia 13 daquele mês, e lhe relatara, informalmente, sobre as reais condições da morte do *mariscal*-presidente. No dia 17, ao chegar a Concepción, o príncipe imperial foi recebido por Correia da Câmara, com quem jantou, acompanhado de Silva Tavares. Não lhe faltaria informação sobre aqueles sucessos, que despertavam duras críticas, sobretudo nos jornais do Prata, que reverberavam na Europa e nos Estados Unidos..

No dia 19 de março, o conde d'Eu escreveu ao sogro, que lhe respondeu imediatamente, comunicando-lhe as honrarias com que Correia da Câmara seria brindado – seria elevado a marechal e a visconde. Na missiva, comunicava que recebera já notícias através do José Simeão e seu constrangimento para o modo como ocorrera “a morte de López, que podia ter sido feito prisioneiro”, em vez de ter sido executado. [CÂMARA: 1970, 433.]

A máquina da falsificação histórica colocava-se em marcha para retocar o deslize da comunicação de Correia da Câmara, com a clara sugestão de execução, que causara indiscutível constrangimento ao Estado imperial. No dia 4 de abril, seguindo certamente instruções diretas ou indiretas do Imperador ou do chefe do gabinete, o barão de Muritiba, ministro da Guerra, escreveu ao conselheiro Paranhos, no Paraguai, acusando o recebimento do segundo relatório de Correia da Câmara, de 13 de março, que publicara “com certo receio”.

A reticência do ministro da guerra devia-se ao fato de que o informe deixava claro que o “inimigo [Solano López] podia ser aprisionado sem a menor dificuldade”, devido “ao estado” em que se achava, ou seja, gravemente ferido. Pedia, portanto, ao conselheiro Paranhos, com os devidos ademãs cortesãos, que determinasse ao general Correia da Câmara que, ao escrever novo documento, “fizesse desaparecer” a “nuvem suspiciosa” que pairava sobre os fatos. Ou seja, que *reescrevesse* os acontecimentos.

O terceiro relatório oficial tratava-se de falsificação consciente dos fatos, por motivos políticos, para *despedaçar* “a arma com que nos querem ferir os descontentes, de que sem dúvida usarão os partidários de López, nos Estados Unidos e na Europa”.



Ou seja, para negar que o *mariscal*-presidente fora executado, sob as ordens de Correia da Câmara, quando se encontrava rendido e, talvez, agonizante, no arroio ou fora dele! [CÂMARA: 1970, 433.]

### Corrigindo a Narrativa

Em obediência à injunção superior, Correia da Câmara escreveu o relatório de 30 de abril de 1870, ao barão de Muritiba, ministro da Guerra, a origem direta do pedido! É nesse documento, um *falso encomendado*, que aparece, por primeira vez, a resposta dignificante de Solano López, “que não se rendia, nem entregava a sua espada, que morria com esta pela sua pátria.” [CÂMARA: 1970, 434.]

Rinaldo Pereira da Câmara, também general de Exército, em sua volumosa biografia do avô, em três tomos, escrita em grande parte a partir dos importantes arquivos pessoais do mesmo, segue dedicando enormes esforços para justificar as sucessivas inverdades de Correia da Câmara. Nesse processo, chama a atenção para carta confidencial do futuro visconde de Pelotas, enviada ao barão de Muritiba, junto com o relatório encomendado de 30 de abril.

Naquela carta, Correia da Câmara declarava, como dizia já ter comunicado de viva voz ao conde d’Eu e ao conselheiro Paranhos, que Solano López, após ser chamado, inutilmente, por ele, agora *por três vezes*, à rendição, e no ato de ser desarmado por soldado, como por ele determinado, fora atingido por tiro de “espingarda”, que partira de sua “retaguarda”, certamente pelo segundo dos dois soldados que o acompanhavam, à sua revelia.

A explicação procurava afiançar que não fora tiro à queima-roupa, próprio a uma execução! Explicações aos superiores imprescindíveis para justificar o balaço recebido por Solano López, na margem ou no arroio, de conhecimento nesse então já universal, não apenas entre os que tinham acesso à informação reservada. Explicação pouco crível, pois balaço disparado, à distância, às suas costas e à revelia, teria podido atingir o soldado que, segundo ele, no córrego, tentava desarmar Solano López! E teria sido gravíssimo ato de insubordinação!

No esforço de absolver seu avô da degradante execução de Solano López, moribundo, o neto e biógrafo de Correia da Câmara apresenta, em defesa da veracidade da tese de inesperado tiro desferido por soldado, pelas costas e a revelia do seu general, carta de 7 de março de 1870, de Correia da Câmara a esposa, descoberta no borrador de sua correspondência privada. Na carta, Correia da Câmara teria dado, à esposa,

detalhadamente, sem vacilações, a explicação que jamais conseguiu dar em seus relatórios pronunciamentos posteriores! Teria escrito nessa carta: “Apesar de ser López um homem cruel senti ter presenciado a sua morte.” “[...] morreu como um valente.” Tudo em total contradição com o que escrevera anteriormente! [CÂMARA, 1970: 447, 428.]

### **Generosidade e Perdão**

Em sua derradeira ordem do dia, escrita em Humaitá, ao despedir-se das tropas que tão mal comandara, o conde d’Eu, genro do Imperador, referiu-se a Francisco Solano López apenas para culpá-lo pela execução efetivada por general, cabo e soldado às ordens do Império. “[...] morreu, talvez por não compreender a generosidade do perdão oferecido [sic], perdão que ele nunca fora capaz de outorgar.” [CASCUDO, 1995: 54.]

Como o seu soberano sogro, o conde abraçaria a versão proposta pelo general Correia da Câmara, exigida pelo Estado imperial, que tornaria a versão oficial. Entretanto, na historiografia, consolidou-se o golpe de lança de José Francisco Lacerda e a morte gloriosa do *mariscal*-presidente, à beira do riacho. Mesmo havendo informação incontornável sobre a manipulação consciente desses fatos pelo alto comando imperial.

As evidências positivas de que dispomos sobre os fatos e o sentimento geral dominante nas tropas imperiais impulsionado pelo alto comando sugerem, como hipótese, que Solano López foi ultimado, quando talvez tentasse subir, sozinho, o barranco do córrego Aquidabán-nigüí, por tiro de *clavina* disparado nas costas, sob as ordens diretas do general Correia da Câmara, que o desprezava como tirano e monstro abomináveis. É igualmente possível que tenha sido executado depois de ter rejeitado rendição incondicional, à discricção dos vencedores, o que não é muito diverso. Ou talvez após ser levado até a margem, como propuseram Aveiro e Rosalia.

Nessa reapresentação hipotética dos fatos, a proposta de resistência e desarmamento do *mariscal*, por praça de *pret*, devido à ordem direta do general Correia da Câmara, que possivelmente jamais tenha ocorrido, teve talvez um grande objetivo. *Ajeitar* o corpo de Solano López de tal modo que pudesse ser baleado *pelas costas*, e não *no peito*, como seria normal, caso interagisse com Correia da Câmara. Tudo leva a crer que não houve jamais o tiro inesperado, realizado pelo soldado João Soares, para

ajudar o companheiro em luta com o moribundo ou para reivindicar os prêmios oferecidos pela morte do mariscal !

Tiro mortal, nas costas, que o general Correia da Câmara afirmou sempre ter ocorrido fora da mata, ou, uma década mais tarde, quando da travessia do arroio. Possivelmente não mandando, devido precisamente a isso, realizar autópsia no corpo do *mariscal*! Um exame do cadáver teria assinalado, como assinalou, o golpe na testa, superficial; o pontão de lança, único ferimento grave recebido por Solano López, antes da execução, à beira ou nas águas do pequeno arroio, com um tiro nas costas.

## 8. CERRO CORÁ – APÓS O COMBATE

Crisóstomo Centurión propõe que foi dado fogo ao acampamento, morrendo carbonizados feridos e enfermos que se encontravam em diversos ranchos. Foram feitos mais de 240 prisioneiros, entre eles dois generais – Resquín e Delgado – vinte e dois oficiais, oito padres, três médicos e um escrivão. Portanto, teria havido bem mais de cem mortos, já que alguns poucos alcançaram a fugir! Registrando a dimensão do massacre, as baixas imperiais seriam apenas sete feridos, dois deles graves. [CENTURIÓN, 2010: 442; CÂMARA: 1970, 411]

Justificando a mortandade, o historiador Francisco Doratioto propõe: “[...] depois do combate de Cerro Corá, ainda ocorreram várias mortes. Após anos de guerra, de sofrimento embrutecedor, a tropa brasileira estava eufórica, com a morte de Solano López e perdera o autocontrole.” [DORATIOTO, 2002: 453.] Mas não era função dos oficiais, com destaque para Correia da Câmara e Silva Tavares, manter no controle os soldados, garantindo a vida aos rendidos e feridos?

No dia seguinte, o batalhão imperial pôs-se em marcha, com os prisioneiros, em direção à vila de Concepción. O coronel Crisóstomo Centurión e o padre Fidel Maíz ficaram presos sob guarda que permaneceu em Cerro Corá, para serem levados a seguir a um antigo acampamento imperial. Crisóstomo Centurión registra em suas *Memorias* que ambos temiam serem fuzilados, o que, afirma, ao menos no seu caso, não lhe causava preocupação. Não temia morrer pois acreditava que a ferida lhe deixaria mudo e desfigurado! Como os demais prisioneiros, depois de onze dias de marcha, eles chegaram à vila de Concepción! [CENTURIÓN, 2010: 438.]

Em livro polêmico, *Etapas de mi vida*, publicado em 1919, o padre Fidel Maíz, sem se referir a Centurión, seu companheiro de infortúnio, fala da angústia vivida como

prisioneiro em Cerro Corá, registrando não apenas o receio de ser fuzilado, mas dramático e certamente imaginário pelotão de execução: “[...] cuatro tiradores, al mando de un oficial, [...] preparan sus armas, me apuntan, y ... um momento después de hacerme tragar la hiel amarga de la muerte, se retiran [...].” Meio século após os sucessos, talvez acreditasse nessa re-elaboração romanesca de momentos angustiosos vividos no passado distante. Não há registro do falso fuzilamento no depoimento mais confiável de Crisóstomo Centurión. [MAÍZ, 1996: 75; CENTURIÓN, 2010, 438.]

### **Confraternizando com as inimigas**

O general Correia da Câmara permitira todas as formas de excesso e o saque geral das bagagens de López e de Elisa Lynch. Entretanto, desdobrou-se em gentilezas para com a mãe e as irmãs do *mariscal*, que se negaram a assistir o sepultamento do filho e irmão, ato que certamente muito lhe agradou. As três López encontravam-se sob prisão em Cerro Corá, acusadas de conspiração. O sofrimento das mulheres nas mãos do irmão e filho passou a fazer parte do complexo retórico da diabolização do *mariscal*.

Em sua parte de 13 de março, o general Correia da Câmara relatou sobre seus cuidados para com as López: “À mãe e irmãs do ex-ditador mandei fornecer carretas para seu transporte, e tudo o que necessitavam e estava em meu alcance prover.” Gentis esforços que as duas irmãs viúvas devolveram em agradecimentos igualmente sem travas. [CONDE D’EU, 1877: 836]

Taunay falaria das duas viúvas como mulheres que de poucos atributos físicos. Sobre a mãe, disse: “[...] é mulher baixa, gorda, com bigode pronunciado e até alguma suíça. As filhas parecem-nos feias: Inocencia Barrios mais silenciosa, Rafaela Bedoya pelo contrário muito falante [...].” Lembra, porém, que, em 1855, oficial brasileiro a conhecera, em Asunción, Rafaela, destacando sua beleza. Para ele, o que haviam passado seria motivo para “perderem todos os seus encantos”. Se haviam perdido, recobram rapidamente. [TAUNAY, 1922: 152.]

O coronel Arturo Bray referiu-se às relações estabelecidas, segundo parece, desde Cerro Corá, pelas filhas de Carlos Antonio López: “[...] las hermanas del Mariscal, huéspedes fueron – y algo más – de ciertos encumbrados jefes brasileños en aquella noche de muerte y desolación. Pudor y decoro les faltó para aceptar diligentes la hospitalidad de los victimarios de su hermano, entre ellos, la [hospitalidad] de Correia da Cámara [...]”. [BRAY, 1996, 401.]

Rafaela, viúva de Saturnino Bedoya, tesoureiro geral do Estado, casou-se e constituiu família com o coronel brasileiro Augusto de Azevedo Pedra, que conheceu em Cerro Corá. Desmentido o nome recebido na pia batismal, sua irmã Inocencia, viúva do general Vicente Barrios, conquistador do forte de Coimbra, teria tido filha natural com Correia da Câmara! Mais tarde, seguindo o exemplo das tias, uma filha de Venancio López casaria-se com o capitão Teodoro Maurício Wanderley. [GUIMARÃES, 1958: 44.]

A espada do *mariscal* foi enviada, por Correia da Câmara para ser entregue ao imperador dom Pedro, que tanto fizera para que a guerra se mantivesse até seu último estertor. O soberano receberia diversas outras prendas de guerra, guardadas em sua coleção particular. Correia da Câmara presenteou o visconde de Rio Branco com condecoração que López portava, mantendo para si o relógio do fadado *mariscal*, que a seguir doaria a um museu. O major Floriano Peixoto, presente no combate de Cerro Corá, revelaria que, das “cousa de López obtive uma manta singela para cavalo”. [FRAGOSO, 1960 : 189; CÂMARA, 1970: 423; TAUNAY, 1922: 140.]

## 8. A INVENÇÃO DA TRADIÇÃO – “MORRO POR MI PATRIA”, “MORRO CON MI PATRIA”

De Cerro Corá, a historiografia nacional-patriótica paraguaia reteve sobretudo a acerada resposta-síntese do *mariscal*-presidente – “morro por mi pátria”. Em verdade, praticamente todos os mais altos oficiais e dignitários mortos naquele que foi o último grande confronto da guerra, tiveram retidas suas putativas declarações patrióticas finais: Juan Francisco, *Panchito*; o vice-presidente Domingo F. Sánchez; o general Francisco Roa.

Paradoxalmente, as palavras de Solano López, incorporada, como vimos, por Correia da Câmara apenas na terceira versão oficial, encomendada pelo Estado imperial, talvez jamais tenham sido proferidas. Também vimos que, escrevendo dez anos após os fatos, quando a tradição da frase heróica já se consolidara, Silvestre Aveiro afirmou contido que escutara apenas palavras soltas, entre elas, uma que se referia à “pátria”.

A frase cavalheiresca do general imperial e a resposta acerada do *mariscal* paraguaio foram retomadas como fato histórico certo, sem discussão, já que interessavam às historiografias nacional-patrióticas brasileira e paraguaia. Para os

imperiais, diminuía o caráter aviltante da execução. Aos paraguaios, concluía a terrível guerra com prova verbal da decisão de aço do comandante máximo da resistência.

As palavras do *mariscal* sintetizariam a transformação da derrota material na vitória moral proposta por Crisóstomo Centurión e abominada por Câmara Cascudo, como visto. Houve, entretanto, indiscutível *adaptação e reconstrução* da frase proferida por Francisco Solano López, segundo Correia da Câmara, em seu terceiro relatório, encomendado pelo Estado imperial.

Sobretudo por que ela foi vertida em discurso indireto. Segundo o general, o *mariscal* dissera “que não se rendia, nem entregava a sua espada, que morria com esta pela sua pátria”. [FRAGOSO, 1960: 181.] A *versão* mais próxima para discurso direto seria: “Não me rendo e nem entrego minha espada e morro com ela pela minha pátria.” Crisóstomo Centurión registrou as diversas propostas apresentadas pela documentação imperial, sem se pronunciar. [CENTURIÓN, 2010: 435]

A seguir, sobretudo a ensaística paraguaia proporia síntese e modificação de conteúdo da putativa frase conclusiva do *mariscal*, avançando a variação de “morro por” para “morro com minha pátria”. A segunda forma sugeriria um fim epocal da República do Paraguai, com a conclusão da guerra e a morte do *mariscal*. A narrativa de Aveiro, de 1880, já retoma essa proposta. “Entonces muero con mi Patria!” Na citada nota de 31 de março, em Humaitá, Taunay proporia que antes de ser desarmado, López, de joelho, no arroio, dissera: “Morro com a patria!” Como dito, foi nota escrita após o segundo relatório do conde d’Eu. [AVERIO, 1998: 103; TAUNAY, 1922: 139.]

Em seu célebre *El mariscal Solano López*, de inícios dos anos 1920, Jean E. O’Leary opta pela segunda solução, despindo a frase dos complementos dispensáveis, o que exacerbava seu sentido evocativo. “!Muero con mí patria!”. E explica os *pensamentos* do *mariscal* ao pronunciá-la. “Creía morir, no por la patria solamente, sino también con la patria, al menos como entidad soberana, dentro de sus fronteras históricas.”[O’LEARY, 1970: 344]

Meio século após os sucessos, o ancião padre Fidel Maíz, que não assistiu a morte do *mariscal*, corroboraria a segunda versão abreviada, sem referência à espada: “Arrastrado, moribundo, hasta el Aquidabán-nigüí, fue encontrado por el general Cámara, que le intimó a la rendición, diciéndole: “Mariscal, rindase que le garanto la vida”. Y López le respondió: “Muero con mi patria”. [MAÍZ, 1996: 72.]

Em 1926, o jovem J. Natalicio Gonzáles – futuro político e presidente do Paraguai de orientação colorada – abraçou a mesma interpretação *política* da morte do *mariscal*,

com acréscimo arbitrário. “El general Cámara, entre tanto, había llegado hasta él. Lo encontró herido y le gritó: – Rendios, Mariscal! Solano López le tiró una estocada. Cámara agregó fríamente: – Maten a ese hombre. [sic] Sonó una descarga, pero más alto que la descarga, un grito heróico: – ¡Muero con mi patria!” [GONZALEZ, 1926: 28.]

O coronel e historiador Arturo Bray reteria igualmente essa adaptação-versão: “Contesta el mariscal presidente con aquella su frase inmortal que por los siglos de los siglos resonará en el alma de todos los paraguayos: ¡MUERO CON MI PATRIA!” [BRAY, 1996, 399-400.] Salvo engano, não há ainda registro do momento preciso em que houve a transição de “com” para “por”.

O coronel e historiador Arturo Bray, não querendo restar dramaticidade à cena, corrobora a versão de disparo sem autoria conhecida, cuja “bala va derecha al corazón de Solano López”. Coração, órgão que abriga simbolicamente as mais altas qualidades do homem! [BRAY, 1996, 399-400.] Legenda marginal, popular e grotesca propôs que Solano López tentou *comer* uma bandeira nacional paraguaia, para que não caísse em mãos dos inimigos.

## 9. CERRO CORÁ E A MEMÓRIA DA GUERRA CONTRA O PARAGUAI

Durante o conflito, o *mariscal* fora demonizado pela publicística aliancista, que o apresentara como único responsável pela guerra que devastara, aniquilara e rapinara o Paraguai, reduzindo-o a tributário do Império e da Argentina. A ação colonialista e imperialista do Estado imperial e argentino contra o Paraguai travestiu-se de ação contra um *ditador monstruoso*. Surgia assim o *lopizmo negativo*, explicando a guerra essencialmente a partir da ação e da personalidade de Francisco Solano López.

A guerra determinou estruturalmente o Paraguai. Não havia espaço para contemplação para com a pessoa do *mariscal*-presidente, em Cerro Corá, como não haveria para com sua *memória*, após o 1º de março de 1870. Sua execração total foi mantida, apenas em forma mais ou menos radical, pela historiografia de Estado argentina e brasileira, no já quase século e meio que se seguiram ao conflito, dificultando avaliação real do sentido do conflito e do papel real do *mariscal*-presidente.

A narrativa imperial de morte gloriosa de Francisco Solano López nasceu da inabilidade do general Correia da Câmara em gerir os últimos momentos de vida do Francisco Solano López, totalmente absorvido pela retórica *diabolizadora* sobre o

*mariscal*-presidente. No geral, a versão oficial do Estado imperial foi retomada pela tradição e historiografia mítico-patriota paraguaia.

Para esta última, era inaceitável como desfecho do conflito a morte prosaica do *mariscal*, em terrível solidão, baleado pelas costas, ao ser imobilizado por soldado, nas águas do arroio ou em sua margem, ou tentando subir a barranca do riacho, com os dedos cravados no barro e o baixo ventre aberto vertendo sangue.

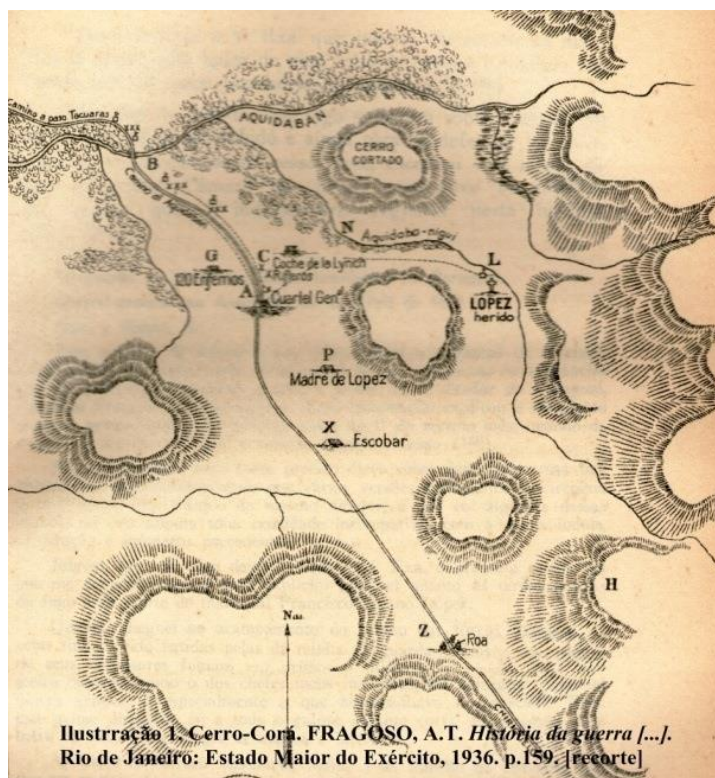
A morte e o grito “morro com mi patria” nas margens do riacho Aquidabán-nigüí transformaram-se em pedra de toque do *lopizmo positivo*. Essa releitura expressou, em um viés tendencialmente alienado, a necessidade da população paraguaia de superação das interpretações liberais hegemônicas no país após 1870. Também ela constituiu escolha na produção de interpretação daqueles sucessos a partir da resistência à invasão pelas classes populares, verdadeiros protagonistas daqueles sucessos.

## **BIBLIOGRAFIA**

- AVEIRO, Silvestre. **Memorias militares**. Asunción: El Lector, 1998.
- BRAY, Arturo. **Solano López: soldado de la gloria y del infortunio**. 3 ed. Asunción: El Lector, 1996.
- CÂMARA, Rinaldo Pereira da. **O marechal Câmara: Reflexões introdutórias à sua biografia**. Porto Alegre: Globo, 1964. Vol . 453 PP.
- CÂMARA, Rinaldo Pereira da. **O marechal Câmara: sua vida militar**. Porto Alegre: IEL/SEC , 1979. Vol. II. 616 PP.
- CÂMARA, Rinaldo Pereira da. **O marechal Câmara: sua vida política**. Porto Alegre: IEL/SEC , 1979. 664 PP.
- CASCUDO, Luiz da Câmara. **López do Paraguay**. Mossoró: Fundação Ving-un Rosado, 1995. [Edição Fac-similar, 1927.]
- CENTURIÓN, Juan Crisóstomo. **Memorias o reminiscencias históricas sobre la guerra del Paraguay**. Asunción: El Lector, 2010.
- CORRÊA DA CÂMARA, Brigadeiro José Antônio. Comando das forças expedicionárias. Quartel General da vila de Conceição, 13 de março de 1970. CONDE D’EU. **Ordens do dia: Exército em operações na República do Paraguay sob o comando em chefe de todas as forças, de sua alteza o senhor príncipe marechal do exercito Luiz Felipe Fernando Gastão de Orleans, Conde d’Eu**. Compreende as de número 1 a 47. 1869-1870. Re-imprensa por ordem do Governo. Rio de Janeiro: Francisco Alves de Souza, 1877. Pp. 326-340.
- DORATIOTO, Francisco F. M. **Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- FIX, Teodoro [1828-c.1913]. **História da guerra do Paraguay**. Trad. Do francês por A.J. Fernando dos Reis, Rio de Janeiro: Garnier, [1ª. Ed. 1873].



- FRAGOSO, Gal. Augusto Tasso. **História da Guerra entre Tríplice Aliança e o Paraguai**. Rio de Janeiro: Imprensa do Estado Maior do Exército, 1934. Vol. V.
- FRAGOSO, Gel. Augusto Tasso. **História da Guerra entre Tríplice Aliança e o Paraguai**. 2 ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1960. vol. V.
- GODOI, Juan Silvano. SANGUIER, Ruben Bareiro & MARSAL, Carlos Villagra. **Testimonios de la Guerra Grande – Muerte del Mariscal López**. Tomo II. Asunción: Servilibro/ABC Color, 2007. Pp. 97-119.
- GONZALEZ, J. Natalicio. **Solano López: y otros ensayos**. Paris: Indias, 1926.
- GUIMARÃES, Pinheiro. **Um voluntário da Pátria**. 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.
- IBARRA, Alferes Ignacio. 1º de março de 1870. Cerro Corá. SANGUIER, Ruben Bareiro & MARSAL, Carlos Villagra. **Testimonios de la Guerra Grande – Muerte del Mariscal López**. Tomo I. Asunción: Servilibro/ABC Color, 2007. Pp.93-101.
- MAESTRI, Mário. [2013a] Tribunais de Sangue de San Fernando: O Sentido Político-Social do Terror Lopizta. **História: Debates e Tendências** (Passo Fundo), v. 13, p. 124-149.
- MAESTRI, Mário. [2013b] Piribebuy, a capital mártir: história, historiografia e ideologia na Guerra do Paraguai. **Estudos Ibero-Americanos** (PUCRS. Impresso), v. 29, p. 32, 2013.
- MAESTRI, Mário. O Plano de Guerra Paraguaio em uma Guerra Assimétrica: 1865.
- MAESTRI, Mário. **A Guerra no Papel: História e Historiografia da Guerra no Paraguai**. (1864-1870). Porto Alegre: LCM Editora; Passo Fundo, PPGH UPF, 2013. Pp. 107-140; Revista Brasileira de História Militar, Rio de Janeiro, 2013, no prelo. [www.historiamilitar.com.br/artigo2RBHM10.pdf](http://www.historiamilitar.com.br/artigo2RBHM10.pdf).
- MAGALHÃES JÚNIOR, R. **D. Pedro II e a condessa de Barral**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956.
- MAÍZ, Fidel. **Etapas de mi vida**. 3 Ed. Asunción: El Lector, 1996. [1ed. 1919]
- MONTEIRO, Mozart. **A vida amorosa de D. Pedro II**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1962.
- New York Herald, New York, monday, june 20, 1870. Yriple Sheet.
- O'LEARY, Juan E. **El Mariscal Solano López**. 3 ed. Asunción: Casa America-Moreno Hnos, 1970. [1ª. Ed. 1920]
- PEREYRA, Carlos. **Francisco Solano Lopes y la guerra del Paraguay**. Buenos Aires: A. Rego, 1953.
- PIMENTEL, General Joaquim B. de Azevedo. **Episódios militares**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1978.
- RESQUÍN, Francisco Isidoro. **La guerra del Paraguay contra la triple Alianza**. Asunción: El Lector, sd.
- TAUNAY, Visconde. **Diário do Exército: De Campo Grande a Aquidabán**. 2 vol. São Paulo: Melhoramentos, [sd].
- TAUNAY, Visconde. **Cartas da Campanha**. A Cordilheira; agonia de Lopez. 1868-1870. São Paulo: Melhoramentos, 1922. 199 pp.



Artigo recebido em 15/04/2014  
Artigo aceito em 10/08/2014